



REDES

XII SEMINÁRIO INTERNACIONAL
AS REDES EDUCATIVAS E AS TECNOLOGIAS
TESSITURAS DE SOLIDARIEDADE E DE CONVIVÊNCIAS
NOS DIFERENTES ESPAÇOS TEMPOS EDUCATIVOS

A EXPERIÊNCIA DA LEITURA LITERÁRIA NA ESCOLA COMO PRÁTICA CULTURAL

Delma Marcelo dos Santos Costa – PPGE da UFRJ
Luísa Côrtes Fonseca- PPGE da UFRJ
Patrícia Corsino – PPGE da UFRJ

Resumo: O presente texto representa a interlocução entre duas dissertações – “Caminhos literários: como as crianças leem obras premiadas na categoria criança pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil - FNLIJ?”, de Luísa Côrtes Fonseca e “Leitura Literária na escola como prática de linguagem: experiência ou pragmatismo?”, de Delma Marcelo dos Santos Costa e o diálogo desses trabalhos em andamento com a produção acadêmica feita pelo Grupo de Estudos e Pesquisa em Infância, Linguagem e Educação-GEPILÉ, coordenado pela professora Patrícia Corsino. As pesquisas de dissertação, cuja intercessão refere-se à presença da leitura literária na escola como prática social, se sustentam na perspectiva de análise discursiva, com fundamentação teórica bakhtiniana, que aponta para o caráter constitutivo da linguagem, ou seja: a ideia de que nos constituímos na relação com o outro na e pela linguagem.

Palavras Chaves: leitura literária, crianças, experiência cultural, linguagem

Introdução, objetivos e fundamentos teórico-metodológicos:

Como anunciamos, este trabalho busca dialogar com duas pesquisas em andamento na relação com a produção acadêmica do feita pelo Grupo de Estudos e Pesquisa em Infância, Linguagem e Educação - GEPILÉ, coordenado pela professora Patrícia Corsino, que compõe o Laboratório de Estudos de Linguagem, Leitura, Escrita e Educação-LEDUC, do Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE – UFRJ.

As pesquisas de dissertação, cuja intercessão é objetivo deste texto, refere-se à presença da leitura literária na escola como prática social. Ambas se sustentam na perspectiva de análise discursiva, com fundamentação teórica bakhtiniana, que aponta para o caráter constitutivo da linguagem, ou seja: a ideia de que nos constituímos na relação com o outro na e pela linguagem. Como desenvolvimento metodológico, foram utilizadas análises de eventos discursivos formados por enunciados que se ligam entre si, mas que tomados como episódios únicos, formam narrativas com sentidos e significados completos.



REDES

XII SEMINÁRIO INTERNACIONAL
AS REDES EDUCATIVAS E AS TECNOLOGIAS
TESSITURAS DE SOLIDARIEDADE E DE CONVIVÊNCIAS
NOS DIFERENTES ESPAÇOS TEMPOS EDUCATIVOS

Vale ressaltar que consideramos como evento discursivo excertos tanto das entrevistas realizadas, quanto dos documentos pedagógicos da escola pesquisada por Costa (2024), que encerrem um sentido. “Um evento é um acontecimento irrepetível e único, mas ao ser organizado como discurso escrito e passar a fazer parte do *corpus* da pesquisa, se torna uma peça de uma coleção” (CORSINO, 2014, p. 14).

Cada pesquisa desenvolvida no GEPILE/LEDUC dialoga com seus objetivos específicos na relação com o material já produzido pelo grupo e que lhe confere identidade. Sendo assim, formamos uma coleção que tem a leitura literária na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, entre outros universos, espaços de indagações. Pensando do lugar polifônico que é um grupo de pesquisa, aprendemos que a linguagem se mostra não apenas um meio de comunicação, mas um objeto de admiração, como espaço da criatividade.

Por isso, entendemos que a literatura, como expressão artística que é, nos ajuda a ressignificar a vida. De modo a materializar essa afirmação, evocamos João Cabral de Melo Neto em seu poema “**Tecendo a manhã**” nos diz que “**um galo sozinho não tece a manhã**”. Do mesmo modo um sujeito não tece sua vida sozinho. O mundo nos é dado pela palavra do outro. Somos constituídos pelas relações que temos uns com os outros direta e indiretamente, antes mesmo de nossa entrada na corrente verbal de significados produzidos pela humanidade.

Um leitor literário, assim como uma manhã, não pode ser construído por participar de uma prática literária apenas. Ao contrário, é tecido, construído, formado por muitas mãos e muitas vozes desde o ventre, por histórias lidas, inventadas e cantadas. Ao longo de nossa vida a linguagem na qual mergulhamos, age como mediação, como prática cultural multimodal que vai se unindo a tantas formas de ser e estar no mundo. Assim como na poesia, um galo vai pegando o grito de outro para, fio a fio, ir tecendo uma manhã, nós vamos sendo tatuados por meio de uma multiplicidade de palavras alheias, num processo alteritário, vamos nos constituindo e nos tornando o que somos, sempre inacabados, inconclusos formando uma constelação de experiências humanas, culturais, literárias que vão dando base para tantas outras ao longo da vida.



REDES

XII SEMINÁRIO INTERNACIONAL
AS REDES EDUCATIVAS E AS TECNOLOGIAS
TESSITURAS DE SOLIDARIEDADE E DE CONVIVÊNCIAS
NOS DIFERENTES ESPAÇOS TEMPOS EDUCATIVOS

Viver é estar num diálogo permanente. Sobre isso, Bakhtin (2003) nos diz que,

A vida é dialógica por natureza. Viver significa participar do diálogo: interrogar, ouvir, responder, concordar, etc. Nesse diálogo o homem participa inteiro e com toda vida: com os olhos, os lábios, as mãos, a alma, o espírito, todo corpo, os atos. Aplica-se totalmente na palavra, e essa palavra entra no tecido dialógico da vida humana. (p.348)

O ser humano se torna humano na relação com seus pares, mediados pela cultura. Somos resultado de um contexto histórico construído e reconstruído nas relações dialógicas que tecemos ao longo da vida. Não nascemos prontos e também não apenas recebemos o que vem do outro: criamos e transformamos o mundo que habitamos. Nesse sentido, a literatura como outros elementos da cultura, “permite que cada um responda melhor à sua vocação de ser humano.” (Todorov, 2009, p. 24).

Yunes (2009, p.22) afirma: ”a memória fabula, condicionada pelos tipos de registro que se imprimiram em nosso inconsciente. Vem à tona mobilizada por elementos heterogêneos aparentemente, mas por um percurso em que a própria memória se constrói.”

Pouco a pouco vamos tomando consciência de nós mesmos por meio do outro. Afinal o mundo nos é dado por esse outro que ao nomear o que vê e o que sente nos ajuda a constituir-nos como seres humanos únicos e ao mesmo tempo polifônicos, seres sociais.

Candido (2011) aponta a literatura como um direito humano pelo fato dela evocar “(...) todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático”. E isto tanto no plano da oralidade, da escrita como de outras linguagens em seus diferentes suportes. As múltiplas linguagens que nos envolvem desde a vida uterina nos produzem marcas sociais como verdadeiras tatuagens.

Nosso primeiro local social de diálogos é junto àqueles que nos acolhem quando chegamos ao mundo, geralmente a família. Aqueles que nos recebem vão nos apresentando o mundo por meio de falas, gestos, expressões corporais, toques e afetos. Segundo Reyes (2021), essas múltiplas relações nos tornam “casa de palavras” e cada



REDES

XII SEMINÁRIO INTERNACIONAL
AS REDES EDUCATIVAS E AS TECNOLOGIAS
TESSITURAS DE SOLIDARIEDADE E DE CONVIVÊNCIAS
NOS DIFERENTES ESPAÇOS TEMPOS EDUCATIVOS

um de nós vai construindo seus próprios sentidos para o que vê, ouve e sente, atribuindo sentido a um tecido complexo de relações e histórias.

Ao chegarmos à escola ampliamos nossos repertórios e experiências. Não à toa, a escola foi se tornando o lugar social privilegiado, embora não seja o único, de guarda, transmissão e construção de parte de um legado cultural.

Entretanto, na escola, de modo particular, os conhecimentos sofrem um processo de escolarização e isso inclui a própria relação com a linguagem, com as narrativas, com as artes, com a literatura. De acordo com Soares (2011, p.25) esta escolarização da literatura tem sido muitas vezes feita de forma inadequada, seja pela fragmentação das obras, seja pela forma como na escola se direciona a leitura, a compreensão e a interpretação dos textos.

Já que a escola é uma instituição fundamental para o acesso das crianças à literatura, é importante que ela promova a ampliação das leituras e do contato com o universo fabulado. Assim, a instituição escolar deve ter o compromisso de possibilitar que as crianças tenham experiências enriquecedoras, diálogos com diferentes narrativas, de tempos e mundos diversos, que suscitam emoções e reflexões variadas. A leitura literária cotidiana na escola é uma estratégia potente para introduzir as crianças no universo da palavra como arte, tornando-se possibilidade de materialização de uma resposta ao compromisso ético, estético e político de seu lugar social singular na construção de subjetividades e humanidade.

As duas pesquisas que ora dialogam neste texto, bem como a produção acadêmica do GEPILE referendam e reforçam que as crianças tenham acesso a livros de boa qualidade. Nesse sentido, a pesquisa de Fonseca (2024), nos mostra que ao colocar à disposição não só das mãos, mas do corpo todo das crianças, textos premiados pela categoria “CRIANÇA” da FNLIJ, nos indica que existiu um trabalho de curadoria refinado na escolha dos títulos a serem mediados. Já na pesquisa de Costa (2024) um evento discursivo que aparece tanto nos documentos da escola pesquisada quanto na fala das professoras entrevistadas é que a leitura literária se faz presente cotidianamente. Essa permanência do texto literário na rotina escolar exige um enorme esforço para que a leitura não se transforme em ação protocolar, como também demanda um movimento de curadoria e de mediação que promova muito mais a experiência do que o pragmatismo.



REDES

XII SEMINÁRIO INTERNACIONAL
AS REDES EDUCATIVAS E AS TECNOLOGIAS
TESSITURAS DE SOLIDARIEDADE E DE CONVIVÊNCIAS
NOS DIFERENTES ESPAÇOS TEMPOS EDUCATIVOS

O movimento de narrar às crianças, ler para elas e com elas é algo que nos coloca na contramão do tempo digital onde os sujeitos não mais são convocados a se relacionarem uns com os outros pela linguagem, pelo ato de contar histórias tal qual nos coloca Benjamin (1994, p. 205).

“Contar histórias sempre foi a arte de conta-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas. Ela se perde porque ninguém mais fia ou tece enquanto ouve a história. Quanto mais o ouvinte se esquece de si mesmo, mais profundamente se grava nele o que é ouvido.”

Neste cenário onde sentidos são disputados em meio a um cotidiano formado por estilhaços e caos, é importante retomar uma pergunta de Corsino e Pimentel (2014, p. 257-258) “o que pode a leitura literária na escola?” Não temos todas as respostas, mas a literatura ao estar de modo cotidiano na escola pode “compreender a experiência como construção de novos/outros sentidos; como a elaboração coletiva de pontes que nos liguem à cultura;” (Rebuá, 2019, p. 86).

Considerações finais

A leitura sempre foi e continuará sendo um instrumento de poder, uma vez que vivemos numa sociedade de classes onde os mais pobres são desprovidos de tudo, inclusive do acesso a bons livros e textos e à possibilidade de produzir sentidos para além da realidade sensível que nos cerca. Aos periféricos é negada, como projeto social, a possibilidade de ler, de enxergar a leitura literária como uma manifestação artística que nos nutre esteticamente, oferecendo chances de ressignificar a si e ao mundo.

As pesquisas de Fonseca (2024) e Costa (2024) dão visibilidade a ações que demonstraram potência na construção de sentidos por parte das crianças, uma vez que “a literatura, como arte, é morada dos sentimentos” (Corsino e Pimentel, 2014, p. 259). E assim sendo, “traz deslocamentos e conflitos” (Corsino e Pimentel, 2014, p. 259). Tais estudos também evidenciam que é de suma importância que os professores estejam munidos de conhecimentos que os permitam realizar uma curadoria de bons textos



REDES

XII SEMINÁRIO INTERNACIONAL
AS REDES EDUCATIVAS E AS TECNOLOGIAS
TESSITURAS DE SOLIDARIEDADE E DE CONVIVÊNCIAS
NOS DIFERENTES ESPAÇOS TEMPOS EDUCATIVOS

literários, que pensem em como será feita a mediação deixando margem para o imponderável peculiar do mundo particular criado pelas crianças e que os espaços sejam acolhedores com a história que será narrada, com quem irá ler e com ouvir.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. Estética da criação verbal. Tradução: Maria Ermantina G. G. Pereira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997. p. 23-220.

BAKHTIN Mikhail. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994. – (Obras escolhidas; v. 1)

BRITTO, Luiz Percival Leme. Ao revés do avesso: Leitura e Formação. São Paulo: Pulo do Gato. 2015.

CANDIDO. Antônio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antônio. Vários escritos. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011.

CORSINO, Patrícia (Org.). Travessias da literatura na escola. Rio de Janeiro: 7 Letras. 2014.

CHAMBERS, A. Dime: los niños, la lectura y la conversación. Tradução de Ana Tamarit Amieva. Ciudad de México: Fondo de Cultura Económica. 2007.

MONTES, Graciela. Buscar Índicios, Construir Sentidos. Solisluna Editora. 2020.

NETO, João Cabral de Melo. Obra completa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2003.

REBUÁ, Eduardo. Insólito Benjamin. Rio de Janeiro: NAU EDITORA. 2019.

REYES, Yolanda. A substância oculta dos contos: as vozes e narrativas que nos constituem. São Paulo: Pulo do Gato, 2021.



REDES

XII SEMINÁRIO INTERNACIONAL
AS REDES EDUCATIVAS E AS TECNOLOGIAS
TESSITURAS DE SOLIDARIEDADE E DE CONVIVÊNCIAS
NOS DIFERENTES ESPAÇOS TEMPOS EDUCATIVOS

SOARES, Magda. A escolarização da literatura infantil e juvenil. In: EVANGELISTA, Aracy Alves Martins, BRANDÃO, Heliana Maria Brina, MACHADO, Maria Zélia Versiani (Orgs.). A escolarização da leitura literária – O jogo do livro infantil e juvenil. Coleção Literatura e Educação. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora; CEALE. 2011.

TODOROV, Tzvetan. A literatura em perigo. Tradução de Caio Meira. Rio de Janeiro: Difel, 2018.

YUNES, Eliana. Tecendo um leitor: uma rede de fios cruzados. Curitiba: Aymarã, 2009.